



ESTUDOS
UNIVERSITÁRIOS



PROEXT
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO

A Máquina de Percepção de Joanna Zylinska: uma resenha do livro *Perception Machine - Our Photographic Future between the Eye and AI*

*Joanna Zylinska's Perception Machine: a review of the
book The Perception Machine - Our Photographic
Future Between the Eye and AI*

Lia Beatriz Teixeira Torraca

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Doutora em Direito

E-mail: metaffectus@gmail.com



<https://orcid.org/0000-0002-3860-8500>



<http://lattes.cnpq.br/3485252759389457>

Edna Lúcia Tinoco Ponciano

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Doutora em Psicologia Clínica

E-mail: ednaponciano@uol.com.br



<https://orcid.org/0000-0002-8606-1095>



<http://lattes.cnpq.br/7121115711586970>

Resumo

A primeira crise pandêmica deste milênio nos colocou diante de um novo regime estético, processado em outra dimensão espaço-temporal, influenciando nossa forma de pensar, perceber, sentir e entender o mundo. O livro *The Perception Machine: Our Photographic Future between the Eye and AI* (A Máquina de Percepção: Nosso Futuro Fotográfico entre o Olho e a IA), escrito pela professora do King's College London, Joanna Zylinzka, oferece o conceito de máquina de percepção para refletirmos sobre este novo *apparatus* flusseriano que está a nos configurar esteticamente, modulando nossa percepção e calibrando nossa organização afetiva. A Pós-Fotografia seria, então, o caminho para compreendermos este complexo novo olhar, algoritmicamente configurado. A perspectiva ampliada da Fotografia nos oferece estratégias para entender e atuar neste mundo em transição, que se transforma, em torno e junto, com as imagens. Zylinzka oferece profundo estudo sobre as formas de produzir imagens e como a tecnologia que convencionamos chamar de Inteligência Artificial interfere em níveis profundos na produção de realidade. Esta pesquisa é ancorada na Teoria da Imagem, de Vilém Flusser e no conceito de *Machine Vision* (Máquina de Visão) de Paul Virilio. O conceito construído por Zylinzka a partir do entendimento sobre a Fotografia como fluxo implica um redimensionamento dos estudos sobre afeto e percepção, engajados em uma perspectiva de resistência ao mundo configurado algoritmicamente. Essa nova Fotografia revela a potência revolucionária do afeto.

Palavras-chave: fotografia; máquina de percepção; afeto; inteligência artificial

Abstract

The first pandemic crisis of this millennium confronted us with a new aesthetic regime, processed in another space-time dimension, influencing our way of thinking, perceiving, feeling, and understanding the world. The book *Perception Machine: Our Photographic Future between the Eye and AI*, written by Joanna Zylińska, Professor at King's College London, offers the concept of a perception machine to help us reflect on this new flusserian *apparatus* that is configuring us aesthetically, modulating our perception, and calibrating our affective organization. Post-Photography would, then, be the path to comprehend this complex new mode of seeing, algorithmically configured. Photography's expanded perspective offers us strategies for understanding and acting in this transitional world, which transforms around and with images. Zylińska offers a deep study of the ways in which images are produced and how the technology we conventionally call Artificial Intelligence interferes at profound levels in the production of reality. This research is anchored in Vilém Flusser's Theory of the Image and Paul Virilio's concept of Machine Vision. Zylińska's concept, based on the understanding of Photography as flow, entails a rethinking of studies on affect and perception, engaging in a perspective of resistance to the algorithmically configured world. This new Photography reveals the revolutionary power of affect.

Keywords: photography; perception machine; affect; artificial intelligence

Como é *estar* em um mundo em transição e configurado por algoritmos? Este e tantos outros questionamentos emergiram com o Viroceno, desde a reorganização do sentido de *self*, até os processos do imaginar, da imaginação e da produção de imagens, confrontados pela tecnologia que convencionamos chamar de Inteligência Artificial. Os questionamentos que surgem nesse contexto fazem parte das reflexões propostas por Joanna Zylinzka em seus textos, palestras, curadorias e exposições artísticas, criando uma ponte entre academia e sociedade, fazendo com que a autora britânica seja considerada uma das principais pensadoras sobre mídia digital na atualidade. Em todas as suas atividades, a professora de Filosofia de Mídia e Prática Digital Crítica do Departamento de Humanidades Digitais do King's College London busca oferecer críticas e alternativas para a atuação neste mundo em intensa e rápida transformação. São alternativas criadas por meio da arte, em especial a Fotografia, cuja potência é evidenciada pelo seu uso em maiúsculas por Roland Barthes (2015), Ariella Azoulay (2008) e outros artistas e pensadores.

A máquina de percepção¹ de Joanna Zylinzka reflete sua prática acadêmica e artística, baseada em seus estudos filosóficos sobre imagem, percepção, ética, feminismo, mídia digital e novas tecnologias. Seu atual projeto é voltado à percepção e cognição como zonas limítrofes entre a inteligência humana e a artificial: um projeto que pretende repensar a (re)configuração do olhar, seja humano ou maquínico, a partir da Fotografia e

¹ Os trechos do livro resenhado e dos outros textos de Joanna Zylinzka foram traduzidos para a língua portuguesa pelas autoras desta resenha.

da Pós-Fotografia, e seus reflexos sobre o tempo-espaço, os sujeitos (humanos e não-humanos) e suas relações.

Zylinska introduz a questão sobre o futuro da Fotografia, associado ao nosso próprio futuro, ajudando-nos a pensar sobre os desafios desta nova regência estética. A autora defende seu conceito de máquina de percepção como “uma resposta à questão implícita se nosso futuro será realmente fotográfico, e, se assim o for, o que isto vai revolver, como será sentido e qual será sua aparência” (2023, p. 9). Segundo a autora, seu objetivo com o livro é propor uma reflexão sobre a atual conjuntura tecno-científica que “está radicalmente alterando os elementos constitutivos do universo, enquanto reprograma, ou ainda redesenha, os parâmetros técnicos e sensoriais, tanto nosso como do mundo” (p. 8). Seu conceito de máquina de percepção busca descrever as mediações fotográficas em toda a sua complexidade (p. 4). Uma experiência sensorial que vai além do visual e que comprova o principal sentido da imagem: sua existência. Uma existência que vem sendo configurada pelos algoritmos.

Desde a imagem dialética pensada por Walter Benjamin (2017), voltada ao tempo que convencionamos chamar de futuro, mas calcada em uma construção do tempo passado, não éramos confrontados como nesta atualidade regida por algoritmos, nos impingindo a repensar a função da Fotografia diante da função da Inteligência Artificial, considerada como “uma rede de práticas e significados discursivos-afetivos” (Zylinska, 2023, p. 6). Hoje, a imagem fotográfica é somente vista, e nem sempre é vista por humanos, como adverte Zylinska

(2023, p. 7). A imagem fotográfica da atualidade é uma imagem operacional (*Ibid.*), uma imagem técnica capturada pela tecnopolítica e que tem mapeado nosso futuro humano. As funções do *medium* fotográfico se posicionam, então, como um agente ativo que modula tanto o humano quanto o mundo (*Ibid.*).

O futuro da Fotografia que Zylinska busca investigar é o futuro das imagens produzidas mecanicamente, que chegam neste outro tempo e que se assemelham com aquilo que chamamos de Fotografia. Uma Fotografia que projeta a imagem do nosso futuro como humanos, como produtores e como produto dessas imagens. A ideia de Pós-Fotografia de Zylinska busca ir além da produção de imagem por meio da câmera fotográfica para abarcar a dimensão de fluxo, ou seja, a Fotografia como um modo particular de encontrar e sentir o mundo em outra dimensão espaço-temporal. Essa Fotografia, como um conjunto de mídia, funciona como tradutora na relação entre humano e tecnologia, em que se estabelece uma nova economia afetiva, como aponta a autora, além de ser o *medium* que aciona as emoções, dirige nossos perceptos e informa nossa cognição. Daí a importância de entender a Fotografia como experiência que vai além da imagem, conforme preconiza a Teoria da Imagem de Vilém Flusser (2008; 2010; 2011), referencial teórico de Zylinska para construir sua *Perception Machine*, um conceito inspirado na Máquina de Visão de Paul Virilio (2002). Trata-se de uma Fotografia polissêmica, que permita múltiplas leituras, como propõe José de Souza Martins, e que explica a potência das imagens fotográficas (2017, p. 169), reconhecida como instrumento de resistência para ver o

mundo e atuar nele, segundo a perspectiva do contrato civil da Fotografia de Ariella Azoulay (2008, p. 117).

Zylinska acredita que a “conjuntura tecno-científica atual está alterando radicalmente os elementos constitutivos do universo, enquanto reprograma ou ainda redesenha os parâmetros técnicos e sensoriais tanto nossos quanto do mundo” (p. 8). Diante desta constatação, a autora direcionou sua observação para as práticas alteradas e tecnológicas do ver, gravar e produzir imagens do mundo, como o crescente papel da automação na fabricação de imagens. Desta maneira, Zylinska pôde examinar alguns *mediuns*, no qual a Fotografia atua como discurso e prática, envolvidos na reconfiguração da percepção humana e na emergência da rede maquinica dos agentes perceptivos, cujo papel na produção de imagens tem sérias consequências para nossa percepção do *self*, do mundo e do tempo futuro (p. 8).

Joanna Zylinska oferece uma perspectiva positiva sobre a atualidade de um mundo configurado algoritmicamente a partir da imagem, propondo pensarmos o futuro da Fotografia a partir do reconhecimento do papel-chave da visualidade na experiência perceptiva humana, fundamentado em um modelo ecológico de percepção, ou seja, um processo multissensorial. Na concepção de Zylinska, a percepção se apresenta como *medium* para seleção, processamento e interpretação de informações sensoriais. Na atualidade, essa percepção está intimamente relacionada à noção de máquina e da expansão do conceito de sociedade

algorítmica, formulado por Deleuze e Guattari (*apud* Zylinska, 2023, p. 9;), encapsulando sua dimensão social.

Percepção para Zylinska “equivale à produção de imagens, um processo de estabilização temporária do fluxo óptico que envolve aparelhos como câmeras, telescópio, *scanners*, mas também a infraestrutura técnica mais ampla que dá suporte a esses dispositivos” (p. 9). Máquina de percepção seria, então, um “agregado, uma montagem ou conjunto do técnico, do corpóreo e do social” (*Ibid.*), remetendo a ideia de máquina técnica, compreendida como um aparato ou uma câmera, ou seja, um conceito de máquina de percepção para nomear um “conjunto maquinico de agentes perceptivos e criação de imagem” (*Ibid.*), tomando de empréstimo os conceitos foucaultianos de dispositivo e flusseriano de *apparatus*.

A questão-problema da pesquisa de Zylinska está no papel da Fotografia e das imagens cognatas como dispositivos que não ajudam a ver, sentir e entender o mundo, e que estaria relacionada ao enquadramento do mundo a partir da mecanização das imagens, ou seja, como “tais imagens e suas infraestruturas mecânicas nos enquadram, como elas enquadram nossa consciência, cognição e todo nosso *apparatus* córtico-corporal, como também nossa subjetividade individual e política” (p. 8). O “problema-chave” que Zylinska deseja investigar diz respeito ao futuro das imagens produzidas mecanicamente que vem após os humanos, como produtores e seres produzidos por tais imagens fotográficas e pós-fotográficas. A Fotografia na perspectiva de Zylinska se articula como experiência estética maiúscula, que “desencadeia e molda emoções,

impulsiona nossas percepções, informa nossa cognição e contribui para o surgimento da consciência humana” (p. 6).

A autora oferece uma crítica sem poupar as *Big Techs* (p. 102-103), em um mundo cada vez mais dependente da produção e criação de imagens mecânicas, considerando que nossa própria imagem se expande numa escala planetária (p. 12), provocando o desaparecimento da nossa subjetividade (p. 16-25). Ainda que sua máquina de percepção não pretenda oferecer uma prescrição de como viver sob a regência desta atualidade imagética, a autora propõe um modo de pensar e ver para um futuro que será fotográfico, seja para o melhor ou para o pior (p. 16). Zylinska localiza a mídia digital como um terreno existencial que seria irreduzível ao social, ao cultural, ao econômico ou ao político, ainda que permaneça entrelaçado com todos esses domínios. Esse novo *medium* nos convida a imaginar e fazer uma imagem desta imaginação, como também instiga uma investigação aprofundada sobre o que significa para os humanos viverem cercados por fluxos de imagens e olhos de máquina. Desta maneira, a Fotografia serve à autora como um dispositivo de pensamento que auxilia na visualização, assim como para nomear e analisar esses processos.

Sob a perspectiva de Zylinska, a Fotografia atuaria como um fluxo em sua forma de experimentar o mundo, no qual a própria imagem técnica é a mensagem, tomando como paradigma a Teoria da Imagem de Vilém Flusser. A autora ressalta que, apesar do caráter informacional da imagem fotográfica, ao ser acoplada a

máquinas de inteligência artificial, elas se tornaram eminentemente operacionais e estão mapeando nosso futuro humano, daí sua afirmação que a “Fotografia não somente tem um futuro, mas atualmente é o futuro” (p. 7). Zylinska confronta a ideia da Fotografia como uma prática exclusivamente humana, propondo o conceito de Fotografia Não-Humana, que são Fotografias não do, pelo, ou para o humano, a partir do reconhecimento do agenciamento não humano da Fotografia. Uma Fotografia que está mudando ao reunir-se com outras tecnologias de mídia, transformando-se em uma forma de *sensografia*, levando à reconfiguração da percepção em níveis individual, social e infraestrutural.

É preciso, então, desafiar essa Fotografia em seu regime de direitos e privilégios, oferecida “apenas para um público seletivo” (p. 113). Esse regime, ao qual Zylinska faz referência, seria “responsável por moldar a Fotografia e os modos de percepção e representação inaugurados por ela desde seus primórdios, sendo projetada como um meio através do qual o ‘mundo é feito para ser exibido’” (*Ibid.*). Sob esta perspectiva crítica, Zylinska busca observar as alteradas práticas e tecnologias do ver, gravar e fazer imagens do mundo, examinando alguns modos no qual a Fotografia atua, tanto como discurso quanto como prática, e que estariam envolvidos na reconfiguração da percepção humana — e na construção da rede maquínica dos agentes perceptivos, cujo papel de produção de imagens tem sérias consequências para nossa própria autoimagem, nossa visão de mundo e nossa visão de futuro (p. 8). Zylinska recorre ao conceito de Máquina de Visão de Paul Virilio (2002) e sua crítica à automação da

percepção, sobre “a transformação do ver, sobre a relativa fusão/confusão do factual (ou operacional, se você preferir) e o virtual; a ascensão do ‘efeito de realidade’ sobre o princípio da realidade” (Zylinska, 2023, p. 10).

No primeiro capítulo do livro, a autora busca responder ao questionamento se a Fotografia teria um futuro, nos provocando a refletir sobre o conceito de espaço-tempo e a alteração de sua organização, a partir da reconfiguração da condição humana neste presente pós-fotográfico. Zylinska propõe alguns questionamentos, tais como: “seria possível mobilizar a Fotografia para habilitar um modo diferente de percepção e autoconhecimento, de ver e ser?” (p. 25); “Esta abertura para novas formas de experiência fotográfica poderia confirmar um futuro fotográfico?” (p. 26). Zylinska recorre a Flusser para formular suas respostas, principalmente suas investigações sobre digitalização de massa, as consequências da automação da produção de imagem e seus reflexos em relação à percepção e recepção, na esfera política e na construção de realidade (p. 27). Para Flusser (2011; 2010; 2008), a imagem serve como um dispositivo que permitiria sonhar com novas visões de mundo e nosso lugar neste mundo, ou seja, uma forma de reterritorialização do sujeito.

Joanna Zylinska aprofunda a reflexão sobre o que poderia ser o futuro da Fotografia a partir do que seria uma filosofia da Fotografia na atualidade, conforme explicitado no título do segundo capítulo, “Uma Filosofia da Pós-Fotografia”. Sua reflexão parte das discussões sobre o termo Pós-Fotografia; não por acaso, o questionamento sobre se a fotografia como a conhecemos

está morrendo. Segundo a autora, a resposta estaria na desvinculação da Fotografia do *apparatus*, considerada atualmente mais como um estado de ser ou uma ficção, um evento, uma fabricação, ainda que esteja essencialmente inserta no modo tecnológico, ampliando-a como experiência estética. É neste sentido que o sentir ganha protagonismo neste novo conceito de Fotografia, que nos remete à dimensão afetiva da experiência de produção de imagem relacionada à imaginação, mediada por uma máquina. Esta concepção está concretizada na arte digital de Refik Anadol, o precursor deste novo regime imagético. Neste capítulo, Zylinska busca, no conceito de percepto, uma definição para Fotografia, no sentido de independência do que é percebido, como potência na dinâmica perceptiva, seja em nível de visualidade ou funcionalidade, afastando a tradição de associar o humano àquele que percebe (p. 62). A conotação afetiva estaria associada ao entendimento que percepção “não é somente uma questão de lógica, apesar de nem sempre consciente, de elaboração de regras e resolução de contradições: é também um processo afetivo sustentado pelo desejo, fantasia e todos os apegos reconhecidos e não reconhecidos” (p. 62-63).

A partir do terceiro capítulo, Zylinska passa a examinar mais detalhadamente o papel da sua máquina de percepção na configuração estética do sujeito, refletindo sobre todas as diferentes modalidades do ver em humanos e máquinas. Uma investigação sobre a experiência fotográfica denominada *screenshotting*, originada a partir da introdução de câmeras em jogos de vídeo, também conhecida como *ingame photography*,

convidando-nos a repensar o modo pelo qual (nos) vemos, vemos o mundo e que entendemos o ver.

Zylinska explica no quarto capítulo que sua máquina de percepção não-trivial não é um dispositivo, mas sim uma estrutura conceitual que permitiria enquadrar aquilo que chamamos de mundo, o que significa dizer que esta máquina “terá que fazer mais do que apenas identificar símbolos, evitar preconceitos ou mesmo levar em conta o ambiente” (p. 111). Sua máquina de percepção “abrange múltiplos, embora interligados, níveis de significado do nível biológico do aparato de percepção” (*Ibid.*), em uma “tentativa multiescalar de repensar nossa percepção e visão humana e desafiar seus parâmetros da máquina de visão emergente no nosso mundo globalmente conectado” (*Ibid.*), o que está intimamente relacionado ao seu projeto de engenharia conceitual, fazendo com que a autora busque em Virilio os parâmetros para tal máquina de visão.

O aspecto farmacológico da máquina de percepção é explorado no quinto capítulo, buscando propriedades restauradoras em sua operação reguladora, em relação à visão e visualidade. Com este objetivo, Zylinska apresenta seu projeto AUTO-FOTO-KINO, construído a partir da proposição de Gilles Deleuze de que o cinema é um *medium* capaz de promulgar a desterritorialização da visão, deslocando-a para além de seus parâmetros corporais dominantes e fixações sociopolíticas; uma posição que Deleuze (2018) sustenta ao opor o cinema à Fotografia. A autora explica que sua proposição é menos antagonista que a de seu paradigma, propondo conceito e prática como modo de entendimento da relação entre

duas mídias, especialmente em suas transmutações por meio das tecnologias de computação e da Inteligência Artificial (Zylinska, 2023, p. 119-120). Desta forma, seria possível pensar o Pós-afeto, gestado na percepção como seleção de imagens, de novas formas de imaginar e, portanto, existir. O objetivo de Zylinska inclui investigar esse novo modo de percepção, no qual o algoritmo é o novo curador e responsável por uma observação mais distraída e expandida, que provoca o (re)direcionamento do foco perceptivo em nível coletivo, o que estaria associado à conexão, mais social, distribuída, associativa e que envolveria mais atributos.

Zylinska abre o sexto capítulo com a pergunta: “você pode fotografar o futuro?” (p. 147), buscando respostas na série *Devs*, criada e dirigida por Alex Garland (p. 147), pretendendo lidar com o “antigo problema do determinismo x livre arbítrio” (p. 148). Para Zylinska, o que interessa na série é “sua visualização do problema de prever o futuro pela captura de uma imagem deste futuro” (p. 148), partindo do pressuposto que existe um futuro para ser fotografado (*Ibid.*). Para responder à questão, a autora pretende “olhar para a temporalidade da imagem fotográfica, relacionada aos últimos desenvolvimentos em CG1, fotografia computacional e tecnologias de visão de máquina que são baseadas na previsão de uma imagem e, então, fazê-la parecer real” (*Ibid.*). Zylinska retoma a perspectiva da neurociência relacionada à percepção, explorada no segundo capítulo, para aprofundar a reflexão sobre o novo regime estético da Fotografia, propondo aprofundar sua investigação a partir do conceito de imagem mental. Essa imagem mental faz

referência “à experiência quase perceptiva que é pré-linguística, e que forma a base do que agora entendemos como consciência, que tem uma longa história na epistemologia ocidental.” (p. 151), constatando que a imagem continua a descrever o que pode ser visto e falado (p. 152). Com base em pesquisas em Neurociência sobre o papel da previsão na consciência humana e na aplicação do aprendizado de máquina para desenvolver a consciência da máquina, a autora sugere observar a associação entre Fotografia e a tecnologia preditiva, considerando “as consequências sociopolíticas da ampla implementação desta tecnologia em nossas vidas” (p.149), o que permitiria “explorar a possibilidade de criar imagens e imaginar futuros melhores” (*Ibid.*).

Como estratégia para aprofundar sua pesquisa, Zylinska examina o papel das imagens em algumas teorias da percepção, entre elas a teoria formulada pelos neurocientistas Antônio Damásio e Anil Seth, por oferecerem um registro retórico diferente e por reconhecerem o papel do corpo e sua localização no mundo na formação da consciência, um pressuposto compartilhado que os diferencia da variedade de cientistas cognitivos atualmente envolvidos na modelação da inteligência humana e na visão humana das máquinas. A autora reconhece que a programação algorítmica eleva o grau de complexidade da máxima, considerando que nossa visão e percepção são individuais e interferem na nossa construção de realidade, ou seja, “nossa percepção faz o mundo existir em um sistema que se mantém conectado de forma complexa” (p. 161).

Se no sexto capítulo Zylinska buscou tratar da possibilidade de prever o futuro apresentando-o como uma imagem, no sétimo capítulo ela tenta imaginar e colocar em imagens tal futuro, nos provocando a ver e tomar consciência do ambiente onde a vida existe e faz tudo acontecer: nosso planeta, sobretudo em relação àqueles indivíduos que parecem alienados da realidade, vivendo uma realidade paralela, construída a partir de distorções e narrativas falsificadas (p. 168). Para tanto, ela propõe dois estudos de caso, tomando como inspiração a noção e a visualidade do que se tornou conhecido como arquiteturas do pós-antropoceno (*Ibid.*); estudos que “respondem a esse modo de visualizar o planeta e sua lógica estruturante – assim como sua política” (p. 169).

Em sua conclusão, Zylinska reafirma seu objetivo de provocar uma reflexão não somente sobre nosso processo de destruição desse futuro que estamos vivendo no tempo presente (p. 194), mas também oferecer alternativas para retomarmos a construção de um tempo futuro. A partir da conscientização de que estamos vivendo sob um novo regime estético, encapsulado pela metáfora que propõe com sua máquina de percepção, para este visual e invólucro cognitivo, ela propõe como forma de abertura sociopolítica e afetiva, mostrando “as operações da máquina de percepção que estamos habitando atualmente” (p. 194).

É possível afirmar que Zylinska encontrou em Vilém Flusser “uma forma de abertura realizada *a partir de dentro* da máquina — em vez de simplesmente contra ela [...] servindo a máquina de percepção tanto como uma metáfora, para um fechamento visual e cognitivo, quanto

como uma abertura sociopolítica e afetiva” (p. 194). Sua obra combina investigação filosófica e pesquisa artística, como forma de atingir seu objetivo, qual seja, “expandir nosso horizonte epistemológico conforme delineado pela convenção acadêmica e pela prática cognitiva humana.” (p. 195), além de permitir que todos vejam, sintam e digam por meio de outros modos e mídias. Sua máquina de percepção estimula uma prática que possa fazer a diferença. Vale destacar que o argumento de Zylinska foi além da compreensão do que aconteceu com o *medium* fotográfico, buscando apontar algumas aberturas possíveis dentro da operabilidade e lógica da máquina de percepção, permitindo dar outro sentido às falhas identificadas nesses processos (p. 194). Sua máquina de percepção é um aviso, concebido como “um convite para uma conversa e prática compartilhadas, enquanto ainda podemos ver e sentir qualquer coisa!” (p. 199); um convite à expansão da experiência humana e de não subordinação.

REFERÊNCIAS

AZOULAY, Ariella. *The Civil Contract of Photography*. New York: Zone Books, 2008.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BENJAMIN, Walter. *Estética e sociologia da arte*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Cinema 1: A imagem-movimento*. Tradução de Stella Senra. São Paulo: Editora 34, 2018.

FLUSSER, Vilém. *O Universo das Imagens Técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.

FLUSSER, Vilém. *A Escrita: Há Futuro Para a Escrita?* São Paulo: Annablume, 2010.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2011.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

VIRILIO, Paul. *A Máquina de Visão*. Tradução de Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

ZYLINSKA, Joanna. *The Perception Machine: Our Photographic Future between the Eye and AI*. Cambridge: The MIT Press, 2023.



Resenha

Texto recebido em: 20 out. 2025. Aprovado em: 13 nov. 2025.

TORRACA, Lia Beatriz Teixeira; PONCIANO, Edna Lúcia Tinoco. A Máquina de Percepção de Joanna Zyliniska: uma resenha do livro *Perception Machine: Our Photographic Future between the Eye and AI*. *Estudos Universitários*, Universidade Federal de Pernambuco/Pró-Reitoria de Extensão, Recife, v. 42, n. 1, e268462, jan./dez. 2025.

<https://doi.org/10.51359/2675-7354.2025.268462>

ISSN Edição Digital: 2675-7354



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>.